

CONTESTANDO REGIONALIZAÇÕES CULTURAIS: A CRÍTICA DE EDWARD SAID À REGIONALIZAÇÃO DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES DE SAMUEL HUNTINGTON

CONTESTING CULTURAL REGIONALIZATIONS: A CRITICAL BY EDWARD SAID TO REGIONALIZATION OF SAMUEL HUNTINGTON TO THE CLASH OF CIVILIZATIONS

RAMON MOREIRA GONÇALVES FINELLIⁱ, BRUNO DE ARAÚJO RANGELⁱⁱ & LEONARDO LUIZ
SILVEIRA DA SILVAⁱⁱⁱ

^{i,ii,iii}Colégio Magnum Agostiniano

ⁱⁱⁱPontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

ⁱramonfinelli@magnum.com.br, ⁱⁱbrunorangel@magnum.com.br, ⁱⁱⁱleoluizbh@hotmail.com

RESUMO. Inaugurada a partir do final do período denominado Guerra-Fria, a reorganização do sistema político-econômico global caracterizou-se pela emergência de conflitos que, de algum modo, eram ofuscados pela maior visibilidade dada aos movimentos das duas principais hegemonias do período. Concomitantemente ao estabelecimento de uma nova balança de poder e ao, ainda em curso, processo de globalização, diversas análises convergiam na tentativa de compreender a essência desses conflitos. Dentre elas, destaca-se a tese exposta por Samuel Huntington, em seu artigo publicado na revista *Foreign Affairs*, “*O Choque das Civilizações*”. Ao considerar que as hostilidades entre Estados haviam sido suplantadas por aquelas de caráter civilizacional, o autor torna-se responsável por implantar uma nova perspectiva sobre o caráter dos conflitos que emergiam no cenário pós Guerra-Fria. Esse novo panorama analítico se fundamentou na apropriação de conceitos de diversos campos das Ciências Humanas, majoritariamente relacionados à dimensão espacial e cultural, ao apresentar um modelo de regionalização global pautado na existência de diversas civilizações. Contextualizadas historicamente no período da globalização, essas diferentes civilizações apresentam-se em constante relação – seja ela harmoniosa ou conflituosa -. Edward Said apresenta-se como um contraponto à tese exposta em “*O Choque das Civilizações*”, ao ancorar sua crítica na análise da dificuldade, percebida na obra de Samuel Huntington, de estabelecer limites espaciais – fundamentais à compreensão de região como entidade concreta - às manifestações culturais. O objetivo desse trabalho é compreender, a partir da análise das obras de Huntington e Said, a natureza e a apropriação que os dois autores fazem de conceitos intrinsecamente geográficos. Além disso, o artigo procura adotar uma abordagem crítica envolvendo as nuances do regionalismo e as identidades que caracterizam aquilo que é denominado de civilização, utilizando o conceito de região como instrumento para compreensão dos processos de reprodução social.

PALAVRAS-CHAVE. CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES, CULTURA, REGIONALIZAÇÃO.

ABSTRACT. After the período known as Cold War, the reorganization of the economic and political global system was characterized by the emergence of conflicts which were overshadowed by the great visibility given to the two main hegemonies' movements. At the same time of the new power balance establishment and the globalisation rising, several analysis converged to understand these conflicts' nature. Among them, there is the Samuel Huntington's thesis, published on his article “*The Clash of Civilizations*”. Since the author considers that the hostilities between States had been replaced by those with a civilizational character, he formulates a new perspective about the conflicts which emerged after the Cold War. This new analytical overview was based on the appropriation of different Human Science concepts about area, notably those related to the spatial and cultural dimensions, as it introduced a global model of regionalization guided by the existence of different civilizations. These different civilizations were historically contextualized in the globalization period and they are constantly connected to each other – in a conflictual or harmonious way. On the other way, Edward Said introduced himself as an alternative to this thesis, since he make his critique from the analysis of the difficulties perceived in the work of Samuel Huntington to establish spatial boundaries - fundamental to the understanding of the region as a concrete entity – to the cultural manifestations. This article aims to understand, from the analysis of Huntington's and Said's works, the nature and appropriation that both authors do about typical geography concepts. Besides, the article tries to adopt a critical approach involving the nuances of regionalism and identities that characterize what is called civilization, using concept of region as a tool for understand the social reproduction process.

KEYWORDS. CLASH OF CIVILIZATIONS, CULTURE, REGIONALIZATION.

APRESENTAÇÃO DO TEMA

O período denominado Guerra-Fria se caracterizou pela maior visibilidade dada aos movimentos realizados pelas duas maiores potências da época, Estados Unidos e União Soviética, em detrimento dos conflitos étnico-religiosos ofuscados pela possibilidade de uma Terceira Grande Guerra. Esses movimentos de maior visibilidade podem ser caracterizados a partir de um conjunto de elementos ideológicos que revelavam à época, um Ocidente muito preocupado com a subversão comunista, enquanto o Oriente, àquele momento polarizado pela economia socialista soviética, enaltecia a luta de classes. Com a desintegração, a princípio econômica, e posteriormente política do bloco socialista, as análises sobre a natureza dos conflitos que emergiam no cenário pós Guerra-Fria se orientavam sobre perspectivas inéditas. Nesse contexto, o artigo “O Choque de Civilizações” de Samuel P. Huntington se posicionou como um dos principais expoentes nessa linha de análise que explicava as causas dos conflitos que emergiam no cenário pós Guerra-Fria. A princípio, o Choque de Civilizações parecia invocar um teor inédito a uma grade de leitura da realidade política, atribuindo às diferenças de valores culturais, morais e políticos à origem das hostilidades. No entanto, só a título de exemplificação, diversas análises racistas já explicavam, em meados do século XIX, o conflito entre arianos e semitas a partir de uma dicotomia entre os civilizados e refinados, contra os anárquicos e violentos, respectivamente. Huntington aprecia de forma tão vertical a questão dos valores culturais a ponto de elaborar uma regionalização que apontava as diferenças civilizacionais como as variáveis mais consideráveis dos atuais conflitos. Em sua perspectiva

O mundo pós-Guerra Fria é um mundo de sete ou oito civilizações principais. Os aspectos comuns e as diferenças moldam os interesses, os antagonismos e as associações dos Estados. Os países mais importantes do mundo provêm, em sua maioria, de civilizações diferentes. Os padrões predominantes de desenvolvimento político e econômico diferem de uma civilização para outra. As questões chave do cenário internacional envolvem diferenças entre civilizações. O poder está se deslocando da civilização ocidental que há tanto tempo predomina para civilizações não-ocidentais. A política mundial tornou-se multipolar e multicivilizacional. (HUNTINGTON, 1997, p.29)

Ao refletir e desenvolver seu artigo a partir de uma ancoragem nocional com amplo diálogo com outras ciências, Huntington se expôs às críticas com diversos intelectuais. O presente artigo pretende apresentar a crítica de Edward Said, importante expoente em estudos sobre a visão etnocêntrica que a sociedade civil possui sobre o Oriente, - e que uma parcela considerável da comunidade científica reafirma - sobre a obra de Samuel P. Huntington. Edward Said faleceu em 2003, aos 68 anos. Militante da causa palestina é autor de *Orientalismo: O Oriente como uma invenção do Ocidente*, *Cultura e Imperialismo* e *A questão Palestina*. O significado dessa crítica para a presente pesquisa está associado ao método de indicar as limitações das regionalizações culturais. Para isso, é fundamental a análise das obras de Huntington e Said, compreendendo de que maneira os dois autores dialogam com conceitos ancorados na ciência geográfica. Além disso, o artigo procura adotar uma abordagem crítica envolvendo as nuances do regionalismo e

as identidades que caracterizam aquilo que é denominado de civilização, utilizando o conceito de região como instrumento para compreensão dos processos de reprodução social.

INTERLOCUÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

O conceito de região na evolução do pensamento geográfico

Ao propor uma regionalização do mundo em civilizações, Samuel P. Huntington se apropria de um conceito eminentemente geográfico: região. O debate dentro da própria ciência geográfica é intenso, pouco consensual e complexo. Objetivamente, existem várias definições do conceito de região. Assumir uma definição conceitual, nesse momento, seria assumir uma identidade com determinada corrente de pensamento geográfico, o que, definitivamente, desviaria a finalidade do trabalho. Nesse primeiro momento, a presente pesquisa se propõe a refletir sobre o conceito de região, com o intuito de apresentar a origem, a evolução e os significados que essa noção adquire em diversos contextos, destacando a análise do artigo O Choque das Civilizações.

Sob o prisma histórico, a ciência geográfica surge enquanto ciência acadêmica no final do século XIX, desvinculando-se da filosofia. No entanto, o caráter holístico assumido, até os dias de hoje, pela Geografia revela o legado de uma disciplina que se tornou independente de forma tardia. A visão globalizante não deve ser entendida como uma limitação, e sim como uma potencialidade diante de um conjunto de análises contemporâneas que desconsideram o caráter complexo da realidade social.

Emergia, como primeiro paradigma da ciência geográfica, o determinismo ambiental. Atribuindo à condição natural a principal condicionante desde o comportamento do homem, até o sucesso de determinadas nações no seio da estrutura econômica da época, toda essa ideologia acabava por justificar a expansão territorial através de colônias nos países africanos, por exemplo.

Diante desse contexto, o conceito de região vinculou-se a expansão imperialista do século XIX, sendo um importante instrumento para o reconhecimento de determinadas possibilidades ligadas ao espaço, enquanto matéria de apropriação humana para extrair os recursos naturais que satisfizessem as necessidades da estrutura econômica da época. Nesse sentido, o determinismo ambiental, enquanto corrente de pensamento, produziu o conceito de região natural, que pôde ser compreendida como

parte da superfície da Terra, dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizadas pela uniformidade resultante da combinação ou integração em área dos elementos da natureza: o clima, a vegetação, o relevo, a geologia e outros adicionais que diferenciariam ainda mais cada uma destas partes. Em outras palavras, uma região natural é um ecossistema onde seus elementos acham-se integrados e são interagentes. (CORRÊA, 2000, p.12)

Diversos outros conceitos foram criados sob a influência desse paradigma. Fator geográfico e condições geográficas são duas expressões herdadas pela corrente de pensamento determinista ambiental e que estão intimamente ligadas às potencialidades de determinada área para a ocupação e desenvolvimento das atividades econômicas humanas. A ciência geográfica estava tão fortemente vinculada à pretensão expansionista dos países, que se já configurava enquanto projeto de Estado.

Exemplificando essa questão, Ratzel desenvolve a noção de espaço vital como sendo a porção territorial associada ao ponto de harmonia entre as demandas territoriais da população, intimamente ligada ao estágio de desenvolvimento econômico de determinados povos, e o espaço disponível para exploração. Novamente é possível destacar o papel do discurso determinista ambiental enquanto legitimador de ações imperialistas.

Como contraponto a esse paradigma que atribuía às condições naturais um status de elemento causal para as diversas diferenças estabelecidas entre sociedades e Estados, surge o possibilismo ambiental como modelo de análise. Desconsiderando a natureza como elemento determinante no comportamento humano, ainda herdava do paradigma anterior a forte concentração na análise das relações que se davam entre homem-natureza. O comportamento humano, colocado como consequência das condições naturais pelo determinismo ambiental, é concebido de outra maneira pelo possibilismo. À natureza cabe oferecer às possibilidades que permitiriam ao homem se apropriar de determinadas técnicas e hábitos, por exemplo.

O conceito de região, nesse momento, se confundia com o conceito de paisagem. A identificação de um conjunto de elementos que apresentem algum grau de similaridade foi o principal método de análise do paradigma possibilista. Assim sendo, a região assume uma dimensão singular, cabendo aos geógrafos identificar as condições naturais que possibilitassem a apropriação humana.

A região geográfica assim concebida é considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, supondo portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio. Neste raciocínio, chegar-se-ia à conclusão de que a região poderia desaparecer. Sendo assim, o papel do geógrafo é o de reconhecê-la, descrevê-la e explicá-la, isto é, tornar claros os seus limites, seus elementos constituintes combinados entre si e os processos de sua formação e evolução. (...) No processo de reconhecimento, descrição e explicação dessa unidade concreta, o geógrafo evidenciava a individualidade da região, sua personalidade, sua singularidade, aquela combinação de fenômenos naturais e humanos que não se repetiria. (CORRÊA, 2000, p.15)

Nessa ocasião, é fundamental observar o comprometimento das análises, tanto deterministas, quanto possibilistas, na diferenciação das áreas a partir da relação homem e natureza. Apenas a noção de unicidade atribuída ao espaço é compartilhada por Samuel Huntington, não partilhando das noções associadas aos elementos naturais que caracterizam a relação entre homem e natureza.

Outro paradigma importante de ser destacado é o paradigma colocado pela Nova Geografia, surgida no contexto pós Segunda Grande Guerra. Fundamentada no maior distanciamento entre objeto e pesquisador, característica do positivismo lógico, essa perspectiva superestimava a função dos elementos estatísticos na configuração e caracterização dos espaços, cabendo ao pesquisador destacar os dados que singularizavam determinados espaços a ponto de diferenciá-lo de outro qualquer. O pesquisador assume, nessa concepção, sua neutralidade em relação ao objeto, considerando, assim, que qualquer outro pesquisador que se disponha a realizar o mesmo trabalho, irá se confrontar com os mesmos resultados, destacando a ausência da subjetividade na pesquisa.

Se as regiões são definidas estatisticamente, isto significa que não se atribui a elas nenhuma base empírica prévia. São os propósitos de cada pesquisador que norteiam os critérios a serem selecionados para uma divisão regional. Se a intenção é definir regiões climáticas, utilizam-se

então informações pertinentes ao clima; no caso de elas serem agrícolas, fontes relacionadas seriam usadas. (CORRÊA, 2000, p.18)

O conceito de região, inserido nesse corpo conceitual, está intimamente associado à compreensão do espaço enquanto arranjo de um conjunto de dados, passíveis de mensuração, que representem, na ótica do capital, eficácia plena.

Por fim, a Geografia Crítica, enquanto modelo de análise, produz uma nova reflexão sobre o conceito de região. Reflexão essa que busca, desde o primeiro momento, superar o caráter descritivo proposto pela Geografia Teorética-Quantitativa, tentando encontrar as relações sociais e espaciais, em certa medida condicionadas por processos históricos, modeladoras de grupos sociais. O método regional de cunho dialético desse paradigma evidencia o esforço de vários autores no intuito de produzir pesquisas que definissem o posicionamento eminentemente político e social dos autores nas pesquisas, em detrimento do modelo anterior que apontava para a possibilidade de resultados que não fossem passíveis de subjetividade.

As desigualdades que aparecem caracterizam-se pela combinação de aspectos distintos dos diversos momentos da história do homem. Isto resulta no aparecimento de grupos também distintos ocupando específicas parcelas da superfície da Terra, e aí imprimindo suas próprias marcas, a paisagem, que nada mais é que uma expressão de seus modos de vida. (CORRÊA, 2000, p.23)

Após essa ancoragem nocional, é possível distinguir os diversos significados que o conceito de região assume, indicando uma possível apropriação paradigmática que determinados autores adotam em suas obras. Há de se ressaltar, da mesma forma, que existe uma apropriação pelo senso-comum do conceito de região e, conseqüentemente, de regionalização que aponta para a noção de um espaço que apresenta um conjunto de elementos que, de algum modo, remetem a um padrão que diferencia aquele espaço de outros.

O legado de Said

O Choque de Civilizações se debruça em torno de conceitos muito discutidos nas Ciências Humanas, como é o caso de região, para a ciência geográfica, e Cultura, para as ciências humanas de forma geral. Diante disso, o conceito de Cultura foi amplamente explorado como eixo explicativo dos conflitos, principalmente na tese de que as diferenças culturais seriam as responsáveis pelos conflitos, substituindo à velha ordem das hostilidades pautadas nas divergências ideológicas entre as nações.

Potencializadas pelo processo em curso de globalização, as relações intercivilizacionais seriam as principais condicionantes, no artigo de Samuel Huntington, pelos possíveis movimentos de resistência cultural ou afinidade que determinados agrupamentos culturais apresentariam em relação aos outros. Vale considerar, no entanto, que o autor é metucioso ao apontar os Estados-nações como protagonistas dos acontecimentos globais.

Diante desse protagonismo exercido pelos Estados que o artigo destaca a forte influência e o vetor de expansão do Ocidente sobre as outras civilizações. Esses dois fatores, influência e

expansão, são explicados a partir da hegemonia econômica, principalmente dos Estados Unidos e de uma parte dos países europeus, sobre as demais nações. Essa expansão, a priori, catalisada pelos interesses comerciais, se dilatava para as demais esferas da realidade social, trazendo transformações no âmbito cultural. Seria, então, essa perspectiva, a mais lógica para avaliar os conflitos, segundo Samuel Huntington, das divergências que ocasionariam o conflito entre a civilização Ocidental e a civilização Islâmica. Caberia aos cientistas políticos pesquisarem quais seriam as variáveis responsáveis pela maior ou menor afinidade de uma civilização com o Ocidente.

Nesse ponto surge Edward Said como contraponto importante e crítico à regionalização produzida por Samuel Huntington, especialmente a formulação da região Islâmica. Edward Said abordou, em boa parte de suas obras, o embate entre Ocidente e o mundo Islâmico. Falecido em 2003, aos 68 anos, sua história é uma expressão clara de seu posicionamento político e seu engajamento em causas relacionadas à criação de um Estado Palestino. Na infância, viveu entre Cairo e Jerusalém, tendo se formado em escolas ocidentais. Tornou-se professor da Universidade de Columbia e é autor de obras que adquiriram enorme envergadura no cenário acadêmico. Suas obras manifestam seu posicionamento político e sua militância.

A primeira consideração importante é o caráter generalista daquilo que se denominou, no artigo *O Choque de Civilizações*, região islâmica. O conceito de civilização, herdado das ciências que se orientam a partir da análise do objeto de pesquisa Cultura, foi tratado no artigo de Samuel Huntington de forma simplista. Assumiu-se uma definição de Civilização pautada na macro escala da identificação de indivíduos com um conjunto de valores, símbolos, costumes, entre outros. Agrupamento cultural é um termo utilizado na obra que expressa, de forma mais clara, a questão da escala que define uma civilização.

Uma civilização é a entidade cultural mais ampla. As aldeias, as regiões, os grupos étnicos, as nacionalidades, os grupos religiosos, todos têm culturas distintas em diferentes níveis de heterogeneidade cultural. A cultura de um vilarejo no sul da Itália pode ser diferente da de um vilarejo no norte da Itália, mas ambos compartilharão uma cultura italiana comum, que os distingue de vilarejos alemães. As comunidades europeias, por sua vez, compartilharão aspectos culturais que as distinguem de comunidades chinesas ou hindus. Os chineses, os hindus e os ocidentais, entretanto, não são parte de nenhuma entidade cultural mais ampla. Eles constituem civilizações. Uma civilização é assim o mais alto agrupamento cultural de pessoas e o mais amplo nível de identidade cultural que as pessoas têm aquém daquilo que distingue os seres humanos das demais espécies. (HUNTINGTON, 1997, p.47-48)

Levando-se em conta a discussão geográfica dessa pesquisa, as civilizações poderiam ser entendidas, também, como espaços. Incumbir-se dessa noção significa, dentro do paradigma possibilista da geografia, que os espaços, dotados de seus caracteres como relevo, clima e vegetação, por exemplo, seriam os responsáveis por reproduzir possibilidades à criação de uma área cultural. Essa compreensão de civilização fundamenta-se na condição de um espaço que cria as potencialidades e gera uma massa cultural. Said atacou essa concepção, no posfácio de seu livro *Orientalismo*, indicando a caracterização, por parte de Huntington, de uma civilização cuja essência indicava um compartimento fechado, antagônico à essência do conceito de cultura, intrinsecamente permeável.

Recentemente, por exemplo, o professor Samuel Huntington apresentou a proposição, longe de convincente, de que o bipolarismo da Guerra Fria foi suplantado pelo que chamou de o “o confronto de civilizações”, uma tese baseada na premissa de que a civilização ocidental, confuciana e islâmica, entre várias outras, seriam compartimentos impermeáveis, cujos membros estão no fundo interessados em afastar seus rivais. (...)

Um dos grandes progressos na moderna teoria cultural é a percepção, quase universalmente reconhecida, de que as culturas são híbridas e heterogêneas, e de que, como argumentei em *Cultura e imperialismo*, as culturas e civilizações são tão inter-relacionadas e interdependentes a ponto de irem além de qualquer descrição unitária ou simplesmente delineada de sua individualidade. (SAID, 2000, p.460)

Outra importante contribuição de Said para a leitura crítica do artigo *O Choque de Civilizações* está sustentada na abordagem etnocêntrica assumida por Huntington ao apresentar as supostas características que definiriam o mundo Islâmico e que, por conseguinte, seriam as responsáveis por travar os movimentos de resistência. Huntington coloca como natural, indicando o teor histórico, o conflito entre Ocidente e o mundo islâmico, tal como aponta o trecho a seguir:

Alguns ocidentais, dentre eles o presidente Bill Clinton, têm afirmado que o Ocidente não tem problemas com o Islã, mas apenas com os violentos extremistas fundamentalistas islâmicos. Mil e quatrocentos anos de História provam o contrário. As relações entre o Islamismo e o Cristianismo, tanto Ortodoxo como Ocidental, foram frequentemente tempestuosas. Cada um foi o Outro do outro. (HUNTINGTON, 1997, p.262)

Said definiu uma categoria para caracterizar um conjunto de autores e indivíduos que produzem uma avaliação etnocêntrica sobre o Islamismo e o Oriente Médio de forma geral: os orientalistas. Esses seriam responsáveis suprimir historicamente e, conseqüentemente, reduzir e simplificar a experiência histórica das sociedades que desfrutaram de um determinado grau de unicidade a partir do elemento religioso. *O Choque de Civilizações*, ao apontar a modernidade como vetor de expansão da dita civilização Ocidental, se apropria de um discurso que dialoga com a supressão histórica, principalmente ao apresentar o caráter cristalizado e impermeável das civilizações e principalmente da comunidade islâmica, características que inviabilizariam e se colocariam como obstáculo à modernização proposta pelo Ocidente.

A inviabilidade das regionalizações culturais

O conceito de região, tal qual já discutido na pesquisa, está intimamente ligado às finalidades de ação e controle dos Estados. Essa dimensão conceitual, relacionada à horizontalidade do esforço intelectual de Samuel Huntington sobre conceitos fundamentais de sua obra trazem ao debate mais uma reflexão: em que medida *O Choque das Civilizações* pauta-se na diferenciação de áreas como método regional se apropriando de interesses de Estado.

As regionalizações apresentam um critério que traga unicidade para a região. O conceito de civilização, e seu respectivo diálogo com *Cultura*, é o critério delimitador em *O Choque de Civilizações*. As críticas apontadas a este critério e o próprio estranhamento de Samuel Huntington

em relação ao número de regiões – civilizações – existentes no mundo, indicam a fragilidade do método regional aplicado ao artigo. O próprio autor reconhece essa precariedade ao apontar que

As civilizações não têm fronteiras nitidamente definidas nem começos e fins precisos. Os povos podem redefinir – e de fato o fazem – suas identidades e, em consequência, a composição e as formas das civilizações mudam com o tempo. As culturas dos povos interagem e se superpõem. Também varia muito o grau em que as culturas das civilizações se assemelham ou diferem uma das outras. Não obstante, as civilizações são entidades que têm um sentido e, conquanto as linhas entre elas raramente sejam nítidas, elas são reais (...)(...) Ao mesmo tempo em que as civilizações perduram, elas também evoluem. Elas são dinâmicas, ascendem e caem, se fundem e se dividem e, como todo aluno de História sabe, elas também desaparecem e são enterradas nas areias do tempo. (HUNTINGTON, 1997, p. 48-49)

Esse reconhecimento, no entanto, não perpassa pelo cuidado, durante toda a obra, de apontar o caráter dinâmico das culturas. Essa consideração torna-se muito evidente, conforme indicado no mapa abaixo, no descuido com relação aos limites do mundo islâmico, por exemplo, e a pretensa tendência dessa civilização à violência.

MAPA 1 - A Regionalização de Samuel Huntington



Fonte: Huntington (1997)

A questão do recorte regional, sustentado pela definição dos limites às regiões, é o ponto mais problemático relacionado ao método da regionalização do *Choque de Civilizações*. Se a região é o espaço que apresenta um conjunto de características que o define e fornece a esse uma identidade própria, delimitar esses espaços é conceitualmente fundamental. Embora não seja o objetivo do trabalho apontar possíveis paradigmas que estejam associados à definição de região aplicada no artigo de Samuel Huntington é importante destacar a precariedade nomenclacional do artigo.

Os princípios de localização e extensão, aplicados na linguagem cotidiana do senso comum, são desconsiderados, principalmente levando-se em conta o mapa produzido por Huntington. A extensão dúbia e os limites concebidos sem uma base teórica que a sustente, deslegitimam as regiões produzidas. Ainda que o autor reconheça essa deficiência, assumir um esforço no sentido de produzir uma região, do ponto de vista conceitual, daria legitimidade ao seu trabalho.

RESULTADOS FINAIS

As mudanças na esfera geopolítica mundial, impulsionadas pelo final do período da Guerra Fria, foram as condicionantes ideais para novas análises a respeito da redefinição de estruturas e processos que, durante várias décadas, permaneceram polarizadas pelo conflito entre Estados Unidos e União Soviética. Nesse sentido, o artigo de Samuel Huntington, *O Choque de Civilizações* propõe, a partir da constatação clara da alteração da natureza dos conflitos, uma regionalização mundial que atente para as divergências étnicas e culturais responsáveis pelos conflitos. Adentrando em domínios das Ciências Humanas, o autor se apropria de determinados conceitos, como Civilização e Cultura. As críticas levantadas, nesse sentido, apontam para possibilidades de rever determinadas formulações. Nesse sentido, a leitura de Edward Said serve como contraponto capaz de atender as indagações sobre a validade do critério civilizacional como elemento norteador e definidor das regiões.

A pesquisa não assume a função de encerrar a discussão sobre as possibilidades e críticas associadas ao artigo de Samuel P. Huntington, *O Choque de Civilizações*. Pelo contrário, o objetivo é suscitar que reflexões sejam produzidas a partir dos elementos aqui levantados e servirem de estímulo a novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.
- GOMES, Paulo C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.
- HAESBAERT, Rogério. *Região, diversidade territorial e globalização*. Niterói: DEGEO/UFF, 1999.
- HUNTINGTON, Samuel. *O Choque das civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011
- SAID, Edward. *O Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.